

QUINTA-FEIRA
Lisboa--15 de Novembro--1928



3.º ANO



Este numero foi visado pela Comissao de Censura

sempre **130**

fixe

semanal de
humoristas

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



A MIM NAO FAZ O GAROTO PESTANA

O "Sempre Fixe" saúda efusivamente, na pessoa do ilustre Embaixador do Brasil, a grande Republica irmã e amiga.



Os ditos da semana



Cá e lá A renhidiissima lucta eleitoral, na America, teve o seu epilogo, com a eleição do sr. Hoover para a presidencia da Republica. Smith, que fizera a sua propaganda annunciando aos seus compatriotas que os deixaria entrar á vontade pelo *Wiscky and Soda*, viu-se derrotado, de nada lhe valendo que a eleição se tivesse realisado nas vespersas de S. Martinho, patrono dos etilizados e dos americanos inimigos da lei seca.

Smith, molhava a palavra aos eleitores, mas mesmo assim os votos que obteve foram só dois e... cortados.

Os americanos não se deixaram embriagar pelo sr. Smith, porque o sr. Smith era, como o seu adversario, um homem igual aos outros, com uma graduação muito baixa, incapaz de fazer subir á cabeça fosse o que fosse, ainda mesmo uma votação.

Dum lado brandia o sr. Hoover um programa de principios, do outro, surgia o sr. Smith com um copo e uma chupeta, mas não conseguiu encher o seu copo, nem chupar um unico voto ao sr. Hoover com a sua chupeta.

No fim, depois de eleito o sr. Hoover, Smith enviou-lhe um affectuoso telegrama de saudações, que era uma especie de brinde, de saude feita a seco.

E assim aqueles dois homens que se degladiavam ferozmente, deram o abraço fraternal de depois do combate, tal qual como dois portuguezes, candidatos a um logar na Camara dos Deputados. E, como se fossem portuguezes, ficaram amigos não disseram mal um do outro, não se caluniaram, não se bateram em duelo, não esmurraram reciprocamente as ventas e não mudaram de partido em sinal de desafronta.

Segue cada um os seus destinos — um proclamando que o alcool não é coisa que se tome e o outro aconselhando a pinga como meio de evitar a gota. E enquanto o sr. Smith vae para casa, o sr. Hoover toma a presidencia, mas vae sempre dizendo que não toma nada.

Caetanos do Bomtempo

A Direcção da Sociedade Nacional de Musica, pediu á Camara Municipal que mudasse o nome da rua dos Caetanos, para rua João Domingos Bomtempo.

Não sabemos o que pensa fazer a Camara, mas parece-nos impossivel satisfazer aquél desejo. Não se comprehendem os Caetanos senão no Bomtempo, e o Bomtempo

não seria Bomtempo sem os Caetanos.

O *Sempre Fixe* opinaria, se fosse possivel, que á rua em questão se desse o nome de rua dos Caetanos do Bomtempo. Era mais sonoro e contentavam-se as partes:

E agora? As senhoras visinhas falaram. Falaram as visinhas dos visinhos. E os senhores visinhos tambem meteram a sua colherada.

—E se nós fossemos á policia...

—Pois vamos á policia.

E foram á policia. Esta, investigou, cheirou, farejou por todos os lados. Cheirava a mortos, porque uma morta existia na verdade.

—Assassino! Bandido! diziam as senhoras visinhas.

—Desenterre-se a morta, autopsie se a morta e lá estarão as provas do crime, as impressões digitais do assassino.

Recorreu-se a tudo, fizeram-se todos os exames, procuraram-se todas as provas e a morta não tinha sido assassinada.

E agora? Ficam-se a rir as senhoras visinhas?

O *Sempre Fixe*, para fonte desta laia, applica a fraze do Marquez de Pombal, ás avessas:

—Agora, é enterrar os vivos e cuidar dos mortos.

Ovos artificiaes Lá fóra estão-se fabricando ovos artificiaes, tão bons e tão perfectos como os que fabricam as galinhas. A mesma gema, a mesma clara, a mesma casca e as galinhas a darem a casca porque lhe estão estragando o negocio...

Os ovos artificiaes, segundo rezam as cronicas, são tão perfectos, que até o seu sabor e as suas qualidades alimenticias correm parelhas com os que as galinhas põem.

Entre uns e outros não ha diferenca alguma senão a da origem: não vieram ambos ao mundo pelo mesmo caminho, mas já lá diz a sabedoria das nações que todos os caminhos vão dar a Roma, e Roma, para o caso, é o bucho do consumidor.

Tudo isto vem nos livros e nos jornaes, mas nós, que ainda não vimos ovos desses, recusamo-nos terminantemente a acreditar na maravilha. Se assim fosse, já o nosso merceeiro que foi capaz de inventar o café de grão de bico e o assucar de serradura, teria começado a pôr.

Andar com o tempo...



— All val um palhinhas, faz-lhe sinal.

— Que vergonha, filho, de palhinhas agora no Inverno!..



O marido — Ela chora assim porque aqui se afogou minha mãe, no ano passado.

O maritimo — Não se rale, minha senhora, que Deus lhe dará saude para encontrar outra sogra tão boa como aquela.

FUME SUNRIPE



— Patrão; está lá fóra uma senhora que diz muitos disparates.

— Oh! rapaz, mais respeito pelas visitas. E, sobretudo, limita-te a entregar os recados como tos dão.

— Bem... All fóra está um cavalheiro que me disse: diz ao patife do teu patrão que está aqui o alfatele.

Uma criada ás direitas

A senhora Ludovina da Conceição fóra em tempos vendedeira de hortaliça na Praça da Figueira, onde tinha um lugarsito, como muitos outros que ali existem, mas que dão um certo lucro ás suas proprietarias. Dentre todas que naquele tempo ali negociavam, destacava-se a senhora Ludovina pelo seu génio de regateira, que nenhuma outra conseguia ultrapassar. Sabia muito bem do seu metter... E a prova é que conseguiu amellar em poucos anos um razoavel peculio. Pelo menos, era o que diziam as más linguas que lhe tinham inveja, não só pela sorte que sempre tinha com a venda, mas também por namorar o Joaquim Carneiro, com talho e salsicharia na mesma praça, ao pé da senhora Ludovina.

Todas as companheiras desta engraçavam com o Joaquim e não podiam vêr com bons olhos aquele namoro. Mas a senhora Ludovina não ligava meia ás suas inimigas e todos os dias, depois da venda feita, ela lá estava á porta do talho, a falar com o Joaquim.

Finalmente, lá se casaram e a senhora Ludovina resolveu trespassar o lugar para se dedicar, de corpo e alma, exclusivamente, ao negocio da carne do marido.

Como a sorte os protegia, os lucros aumentavam continuamente e em breve o Joaquim e a senhora Ludovina deixaram de trabalhar, tendo encarregado do negocio das carnes o cortador mais antigo que tinham na loja, e resolveram ir passear para o estrangeiro.

Foi então que a Ludovina da Conceição se principiou a civilizar, evitando a linguagem que usava em tempos na praça e deixando de chamar-se senhora Ludovina para ser a D. Ludovina Carneiro.

Compraram um palacete nas Avenidas Novas e como azeitavam daquilo com que se compram os melões, as melancias e outras coisas mais, tomaram conhecimento com varias pessoas em destaque no meio social e não faltavam todos os dias visitas em casa dos esposos Carneiro.

A D. Ludovina tinha, porém, um pessimo costume que a fazia passar por alguns dissabores. Deixava atrazar as contas dos fornecedores. Não era raro vê-los de quando em quando a pedir o pagamento de contas afrazadas...

Ora, um dia, a D. Ludovina, como todas as damas que se prezam, organizou um chá dancing em sua casa. Estavam já presentes inumeros convidados quando a creada abre a porta e exclama:

— Minha senhora, está lá fóra um gajo que quer por força falar-lhe:

A D. Ludovina, como é de calcular, ficou envergado. Indisposta e, mesmo deante dos convidados, deu-lhe uma descompostura mestra, dizendo-lhe como se devia anunciar uma visita, e mandou-a perguntar á tal pessoa que lá estava fóra e que lhe queria falar quem era e o que desejava.

A creada saiu e, passados instantes, entrou novamente e, delicadamente, proferiu as seguintes palavras:

— Minha senhora: Acaba de penetrar nos vastos aposentos de V. Ex.^a Sua Excelencia o senhor Galego da esquina, que vem mandado do Ex.^{mo} senhor Alfaiate do marido de V. Ex.^a para receber a quantia de seis mil escudos que V. Ex.^a lhe estão devendo ha mais de dois anos e diz que não sai de cá sem que V. Ex.^a se dignem pagar-lhe...

Dosafer.



— E quem te disse que eu sou medico?
— Foi o papá. Disse-me que o senhor era medico, mas que nunca me metesse nas suas mãos.

SCENAS DA VIDA

Conquistas --- Desmaios --- Divorcios

Julião, Teodulo e Paulo eram três amigos inseparaveis. A' mesa de um café, numa alegre cavaqueira, Julião contava a sua ultima conquista.

— Sabem lá! Uma linda morena de cabelos pretos como azeviche e uns olhos tão grandes que parecem dois faróis a iluminar uma vida cheia de promessas. Mas, é casada. Torná-se necessario usar de toda a prudencia para os nossos encontros e as entrevistas tem que obedecer a planos previamente estudados.

— Tem graça?! — comenta Paulo — acontece-me quasi o mesmo. Porém a minha é loira, *mignone*, mas insinuante e de um romantismo que toca as raías da loucura. Diz-me que o marido passa quasi todas as noites fóra com amigos (sabe-se lá com quem!), em orgias, etc. O que é certo é que estou preso pelos seus encantadores sorrisos e tenho que ter mil cautelas para que minha mulher não desconfie, pois tenho o maldito defeito de sonhar alto.

— Oh diabo! Isso é mau — observa Teodulo. — Pois eu nada temo porque, nessas coisas, sou o mais acutelado e prudente que pode imaginar-se. Vocês sabem bem que ha quasi quatro meses que me relacionei com uma linda mulher casada que tem a mania de que me devo divorciar para viver só com ela. Passo momentos de luta titanica para me separar dos seus braços e todas as vezes que isso acontece quasi que ha zaragata.

— Quer dizer, somos três conquistadores de mulheres casadas. Olhem, uma ideia: estamos em sexta-feira; se combinássemos uma ceia para amanhã, sabado, em qualquer *restaurant*, indo cada um de nós com a sua Dulcinea? Que dizem?

— Optimo, Julião! Isso é uma noite de verdadeira *parade*.

— Estamos de acórdo! A' manhã, Teodulo e Paulo estão com as suas amorosas damas, ás 10 horas, no...

— Fixe... Até amanhã, pois.

— Minha querida: Hoje tenho que fazer um serão, que me tomará parte da noite.

— Crédo, Julião, não sei para que casei: umas noites serão, outras amigos que te convidam. E eu que te amo tanto, não consigo uma noite inteira ter-te a meu lado.

— Tem paciencia, filhinha. Será amanhã, domingo.

— Bom, então aproveitarei e irei passar um bocadinho da noite com a minha amiga Lili.

— Pois sim, aprovo.
— Meu amórsinho, vou dar-te um pequenino desgosto.

— ?
— Tenho que ir ter com um amigo, a quem não posso negar-me; vou dar uma revista de olhos á escrita do seu estabelecimento, razão que me levará á recolher um pouco tarde.

— Ah sim?! Então eu irei para casa da mamã; e quando vieres para casa, se eu ainda não estiver, prepara-me um cháinho bem quente e muito doce, sim, meu adorado Paulo?

— Combinado, minha nunca esquecida mulhersinha.

— Que dizes, meu bom Teodulo, ao jantar de hoje?

— Que és o primor das donas de casa e o modelo das esposas! Só bem-digo a hora em que tive a felicidade de te encontrar no meu caminho.

— Como és bom! E eu amo-te com toda a minha alma.

— E's um anjo!

— Maria, traze o café!

— Vais sair?

— Vou; uma massada a que não posso escapar-me. Tenho que ir velar o cadaver de um socio da casa, e tu comprehendes: era notado se faltasse.

— Como sou infeliz! Nunca tens uma noite livre!

— Tem paciencia, meu amor, será amanhã.

— Pois bem; enquanto tu velas, se não te importas, vou ao cinema.

— Está bem. Seja assim!

São dez horas da noite. A' porta do *restaurant X* param, quasi simultaneamente, três taxis. Sai de cada um deles um casal. Entram na *restaurant* e, encontrando-se, á luz brilhante da iluminação da sala, vão fazer as apresentações.

Céus! Dos lábios dos três amigos sai este grito de horror e de indignação:

— Minha mulher!!! Canalha!

E as damas, virtuosas donas de casa e esposas modelos, ante o aspecto medonho do delicto, caem inanimadas.

Os três inseparaveis separaram-se imediatamente e, tempo depois, na Boa-Hora, lavraram-se mais três sentenças de divorcio.

Moralidade: Nunca te metas com a mulher do proximo, não vá alguém roubar-te a tua...

Sol-e-Dó



— Começou a dizer que se ia matar e zás! atirou-se para baixo de um taxi.

— E o senhor porque o não evitou?

— Porque o medico me recomendou que nunca a contrariasse porque isso lhe podia ser fatal...

Como se pode falar com o planeta Marte

Quando o sabio inglês anunciou ao mundo que ia mandar uma comunicação a Marte, todo o mundo supôs, naturalmente, que o processo empregado seria a telegrafia sem fios. Finalmente, veio a saber-se que era o proprio sabio em questão que, fiel áquele velho preceito «Quem quer vai, quem não quer manda», acabara por ir ele mesmo em pessoa, mandando uma parte da sua alma, na ocasião em que o seu corpo ficava em terra, a dormir uma boa soneca.

Ora, o conhecimento deste importantissimo facto lembrou-me um outro, ocorrido ha anos, o que me permite agora poder afirmar ao mundo que, com melhores garantias de exito, um lusitano já intentou descobrir o segredo de regiões celestes nunca dantes navegadas.

Já houve um lusitano que pretendeu falar com Marte em circunstancias mais vantajosas. Vejamos o processo.

De bem pequenos acontecimentos se pode chegar a grandes descobertas. Newton descobriu a lei da atracção universal com a queda de uma maçã. O meu obscuro inventor descobriu que uma das mais frequentes causas que destroem o equilibrio era, nada mais nada menos, de que: dois litros de carrascão.

Descoberta a lei do desequilibrio, o meu inventor foi mais longe. Ele recordava que todas as vezes que ingeria determinada quantidade de sumo de uva passava a vêr os candieiros em triplicado. Esperto observador, em breve enfrentou este problema: Se ha só uma luz de um candieiro, donde veem as outras luzes?

E foi assim que ele chegou á seguinte descoberta: a outra luz vem de outros planetas.

Como se vê, ele attribuia a mesma causa da aparição inexplicavel dos candieiros ao mesmo fenomeno que faz aparecer ondas parisiarias na telegrafia sem fios.

De igual modo se pode no'ar que, em muitos individuos, o sumo da uva produz uma extraordinaria eloquencia, uma visão superior, que tambem já não pertence á terra, mas sim ao planeta mais proximo.

Foi armado com estes magnificos raciocínios que o meu obscuro inventor começou a beber, fazendo das garrafas um telescópio.

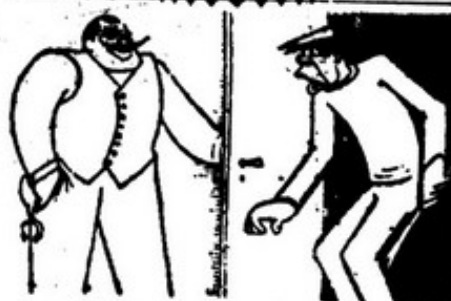
A's vezes, quando a bebedeira atingia o auge, sucedeu só lhe ouvir pronunciar monossilabos incompreensíveis. Tenho de memoria alguns deles e vejo que eles são identicos ás sílabas exóticas que o sabio inglês inventou para comunicar com os marcianos.

Infelizmente para a sciencia, o meu obscuro inventor foi obrigado a entrar no regimen das aguas mineiras e as suas descobertas ficaram em meio.

Acabo de saber que o sabio inglês, antes do emprego das ondas herzianas, comunicava com Marte quando estava em determinado estado de sonolencia.

Não se dará o caso de ele empregar o mesmo processo do percursor lusitano, isto é, conseguir vêr os canais e as lindas marcianas através da extraordinaria observação produzida pelo sabio e copiosa ingestão de alguma misteriosa mistura a que lá fóra se chama *Vinho do Porto*!

V. Claro



O ladrão surpreendido — Desculpe cavalheiro, enganei-me na porta.



Ensinar um burro a lêr

Um saloio condenado a pena de morte, pedia incessantemente ao carcereiro que o levasse á presença do rei, a fim de lhe pedir clemencia. Tanto berrou e barafustou que as autoridades tiveram conhecimento do facto e, com prévia licença de Sua Magestade, o saloio foi levado ao paço. Reinava então o sr. D. Miguel, que, quando o saloio entrou na sala onde ele se encontrava, logo o mirou com uma grande curiosidade e ordenou ao labrego que dissesse as causas que o levavam a pedir com tanta insistencia para ser levado á real presença. O saloio titubeou primeiro e depois, com decisão, começou:

— Saiba Vossa Magestade que eu tenho na terra um burro que andava a ensinar a lêr, quando fui preso, e como eu levo para a sepultura a grande mágoa de deixar por ensinar um animal de tão grande estimação e intelligencia, ousou rogar junto da nunca desmentida benevolencia de Vossa Magestade que me dê o prazo dum ano para acabar de ensinar o gerico e, findo este prazo, eu me apresentarei ao carasco.

O rei achou muita graça ao audacioso saloio e, numa voz meio séria, meio ironica, disse:

— Dou-te o prazo que me pedes, mas com a condição que daqui a um ano me tens de trazer o burro sabendo lêr correctamente; caso contrario, mando-te immediatamente cortar a cabeça.

O saloio, cheio de mesuras, retirou-se e, na ante-câmara, foi abordado pelo mordomo-mór do paço, que o increpou:

— Então você é tão parvo que se vai meter numa destas? Como é que consegue trazer aqui um burro a lêr?

— O que tem isso? — respondeu astuciosamente o saloio. — Saiba V. Ex.^a que, durante um ano, ou morre o burro, ou morre o rei, ou morro eu...

Quer a sorte grande?
HabNite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Para não se esquecer

O circo havia chegado á cidade. Pelas ruas passavam enormes carroças carregadas, com as feras e o resto do mobiliario em uso. Fixera sensação.

E quando correu a noticia de que vinha um elefante para fazer gracinhas na pista, a multidão correu a marcar bilhetes para o dia seguinte, que seria o do primeiro espectáculo.

Chegou a madrugada do grande dia. No gabinete do director havia grande discussão:

— Mas o senhor seja razoavel — dizia o director. — Se o senhor não trabalha com o elefante, como diz, temos a casa ás moscas.

O domador do elefante reflectiu e, atropalhadissimo, respondeu:

— Não posso, não posso! Se ele m'ê vê, mata-me!

— Não pode ser. Tem que se arranjar uma solução. Ora conte lá como isso foi.

O domador começou:

— Como de costume, esta manhã, ia a entrar na jaula do elefante quando o papagaio me disse: «Não entre». Pedi-lhe para explicar o seu dito. Ele, muito pronto, alucidou-me: «O elefante está furioso, e a culpa foi minha; puz-me a conversar com o elefante e, como quem não quer a coisa, fui-lhe dizendo que eu era muito esperto; ele parece-me que não gostou e começou a dizer que era ele quem atraía o publico e o divertia, que emfim era util.

O director do circo estava interessadissimo. Não perdia uma palavra.

— Continue, sr. domador, que ainda que o papagaio diga que não, o elefante tem razão.

— Pois, sr. director, o papagaio continuou desta maneira: «Eu, ofendido, disse-lhe que sabia falar, e ele, o estúpido, respondeu-me que se não era isso que ele estava fazendo ha meia hora e voltou-me as costas furiosos. Apesar d'isto, sr. director, eu entrei, com manhas de senhora que está para ser sogra, aproximei-me dele e comeci a fazer-lhe cocegas, mas, sem eu dar por isso, bati-lhe num olho com a minha bengala. Tive que fugir... Tenho medo.

— Volte para o elefante; ele é muito esquecido, sr. domador.

— Não vou, não vou! Tenho medo, ele mata-me!

O director, armado até aos dentes da paciencia, tentou convencê-lo:

— O elefante é muito esquecido; já se deu um caso semelhante e ele esqueceu-se. Vrá que, á noite, ele já nem se lembra.

— Não vou, não vou, não vou! — berrava o domador.

— Olhe, façamos a experiencia — exclamou o director, contentissimo por ter uma ideia. Antes do espectáculo, vamos lá os dois e você verá como ele se esqueceu.

Meia hora antes de começar o espectáculo, o director e o domador dirigiram-se á jaula do elefante. Abriam a porta para entrarem, mas fecharam-na logo, apavorados. O director, a comentar o caso, d'esse:

— Você tem razão. Ele matava-o. Não se esqueceu.

E' que o elefante tinha dado um nó na tromba, para se não esquecer...

C. C.

O "Sempre Fixe" daqui a 200 anos

TEATROS. — Foi ontem visto a passear, todo vestido de luto, o joven actor Nascimento Fernandes. Ao que se afirma, esta attitude do simpatico artista, que nunca mais deixará de andar de crêpes, visa a protestar contra a vinda da companhia Velasco, que se encontra trabalhando no Coliseus dos Recreios.

Secundando tal protesto, o Gremio dos Artistas da Anunciada resolveu encerrar as suas portas para reaparecer nas Caldas, tendo sido encarregado da ornamentação necessaria a agencia Magno.

— Num dos nossos teatros, deve entrar por estes dias em ensaios uma revista portuguesa, com quadros todos franceses, guarda-roupa parisiense e musica de gramofone, de cuja tradução foram encarregados alguns dos nossos mais cotados tradutores musicais.

MUNDANISMO. — Deu ontem á luz mais uma peça o conhecido revisteiro sr. Lino Ferreira. A mãe e a robusta creança encontram-se felizmente bem.

— Completou ontem quinze risonhas primaveras a distinta actriz Aura Abranches.

A CRISE. — A crise ministerial, que se vinha arrastando ha quinze dias, ficou ontem solucionada com a constituição do novo ministerio, do qual farão parte todos os velhos ministros do anterior gabinete.

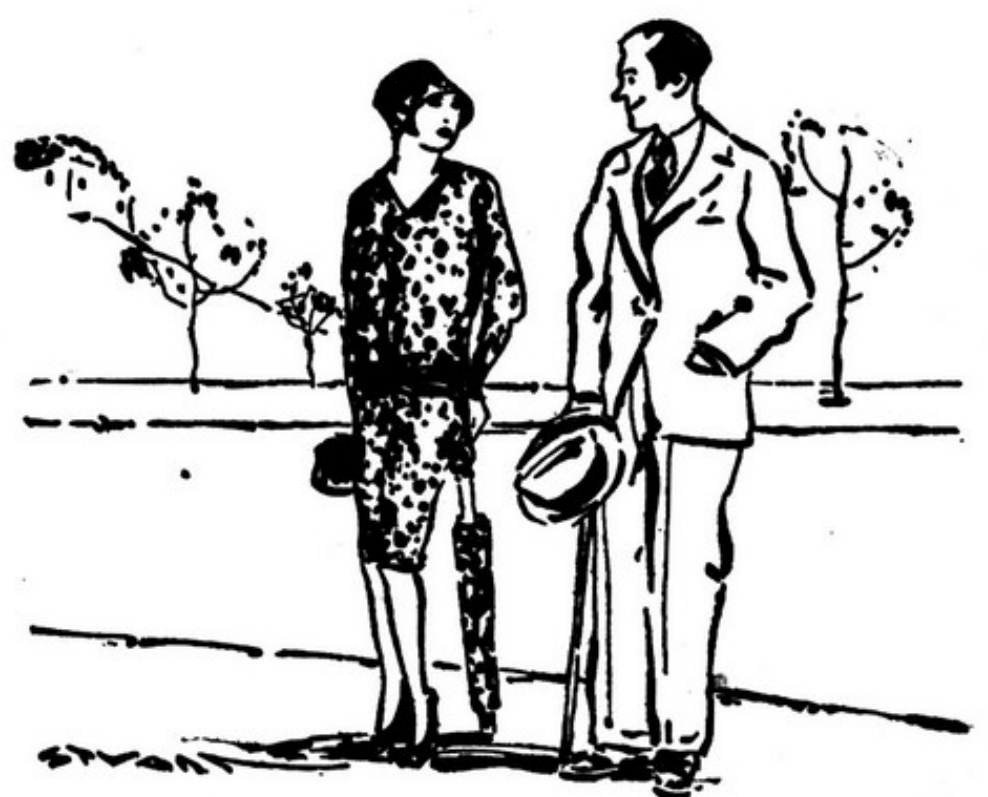
A NOVA ILUMINAÇÃO. — A Camara resolveu iluminar com os novos condieiros de nabo todas as ruas de Lisboa. A nova iluminação será iniciada, nas varias ruas, nos seguintes dias: rua Augusta e Terreiro do Paço, 1 de Dezembro; rua do Ouro, 25 de Dezembro; rua do Arsenal, 1 de Janeiro; rua de S. Paulo, 31 de Janeiro; Avenida 24 de Julho, 9 de Abril; Campo Pequeno, 28 de Maio; Avenida Fontes, 10 de Junho; Arce do Cego, 5 de Outubro; Lumiar, 11 de Novembro; Bemfica, 1 de Dezembro — e assim sucessivamente, de forma que, daqui a 200 anos, já temos a cidade bem iluminada, tanto mais que a Camara se esforça pela breve realização do seu programa illuminatorio.

FUMÉ SUNRIPE



---Ha já trez dias que você conversa comigo e ainda me não dirigiu um madrigal.

---Madrigais... minha menina, só de madrigada...



---Tem graça, parece-me que conheço V. Ex.^a.

---Não admira eu sou muito conhecida, sou a viuva do soldado desconhecido...

BOM HUMOR

No tribunal:
O juiz: — O primeiro que torne a levantar a voz será expulso.
O réu: — Apoiado, sr. juiz!

* * *

Diálogo nos bastidores:
— Marieta deve a modista metade dos seus exitos.
— ... e a totalidade dos seus vestidos...

* * *

— E o seu marido?
— Volta dentro de alguns dias.
— Foi viajar?
— Não; foi para a cadeia...

* * *

— Meu rico senhor! Cinco tostões para este desgraçado que acaba de sair da cadeia...
— Sim? E porque foi preso?
— Porque matei um homem que me negou cinco tostões...

* * *

— Felicito-o sinceramente. Foi corajoso atirando-se ao mar, todo vestido, para salvar um desconhecido.
— Isso tudo está muito bem; mas o que eu quero saber é quem foi o patife que me empurrou para dentro da água...

* * *

Entre sábios:
— O senhor leu? Um sábio inglês descobriu na África o berço da humanidade!
— Deve ser um magnífico movel para museu...

* * *

A sentença:
O juiz: — Acusado! O tribunal condena-o a trabalhos forçados para toda a vida.
O réu: — Senhor presidente... Conste V. Ex.ª que descanço cinco ou seis minutos antes de começá-los?...

* * *

— O cavalo que ontem lhe comprei acaba de morrer!
— Estranho bastante, porque nas minhas mãos nunca morreu...

* * *

— Não te aflijas, pequeno! Aqui toda a gente conhece tua irmã.
— Como é que a podem conhecer, se ela esta manhã lavou a cara!

* * *

Em viagem:
— Antoninho, aqui tens o canal da Mancha.
— Impossível, mamã, não vejo nenhuma mulher nadando...

* * *

O pai: — Sim, parece que a lua tem os seus habitantes.
O filho: — Mas, quando ela está em quarto minguante onde é que eles se matam...

* * *

— Morreu de morte natural?
— Não, senhor. Assistiram três médicos.



— O criado — Manda dizer o patrão que a conta do fato a pagará no fim do mês, como sempre.
— O alfaiate — Sim, mas como já sei que o fato é para atravessar o Atlântico de avião, é bom que passe por cá antes.

RISO AMARELO

Graças tristes

Antes da gente de hoje se reunir na «Brasileira» do Chiado e no «Café Chiado», já, no alto do Chiado, Luís de Camões se reunia com a gente do seu tempo, reunião que preside de alto e em bronze, tal como o sr. Gualdino Gomes os seus ouvintes, de pedra como os outros.

* * *

De quando em quando, aparecem na redacção da rua Luz Soriano velhos ratos de jornais que recordam, nostalgicamente ou para nos amacucarem com os paralelos:

— Naquele gabinete estava o dr. Magalhães Lima. Nessa mesa o grande fulano. Neste canto o grandioso cicrano, etc., etc. A varios tenho perguntado quem estava entre as duas janelas onde escrevo e ninguém ainda me soube responder.

E eu concluo que, no meu lugar, ou não estava ninguém ou, se alguém estava, morreu com uma pneumonia dupla, porque as janelas são duas.

* * *

Dizia um tal Schopenhauer que as pessoas que matam o tempo jogando as cartas lhe davam a impressão de que, não tendo ideias para trocar, trocam pedaços de cartão.

Semelhante ideia me dão as pessoas que frequentam cafés, onde se substitue a conversa por sextetos, quintetos, quartetos, tercetos, duetos, pianistas ou fonógrafos. São pessoas que, não se fazendo ouvir, nam tendo companheiros que ouvir, se resignam a ouvir moer musica.

Aquele poeta Chiado, que eu mal li mas já vi não sei onde, não consegue ser simpático a gente da sua arteria. Ou esta assim se chamou do chiado produzido pelos carros que gemiam na calçada ingreme, ou, ingrata, aderiu aos postigos de Garrett, um cuja mulher — «A Garrett» — lhe pôs nas barbas loja de chá fino.

* * *

Estou sempre á espera que uma ve-reacção subserviente crisme de «Bairro da Imprensa» o nosso Bairro Alto.

Reputo por isso indispensavel que se instruem os futuros pais do burgo ácerca desta verdade, que merecia sê-lo: — não é que os jornais estejam todos no Bairro Alto; este é que se chama assim por lá estarem todos os jornais.

* * *

A's vezes, á porta da «Brasileira», fecho os olhos e vejo a Angela, que sobe, deitando o estrabico para o sr. Tabordinha, e o sr. D. Afonso, que desce no primitivo «Panhard», ameaçando de invasão o hotel que havia ao tópo da calçada.

Vejo, assim, muitas coisas, coisas mesmo que eu nunca vi, como o «Marrare de Polimento» é um «restaurante», duma sobre-loja onde agora vão doentes e onde então ia o Silva Canelas e as italianas de S. Carlos... coisas que eu nunca vi...

Depois abro os olhos e vejo rapazi-nhos que eu nunca desejaria vêr...

Caveira dos Dentes d'Ouro

AutoMoveis!! AutoMoveis!!



Madame Chrysler «Plymouth» apresenta o seu novo Beauvalet para 1929.

Elevador da Gloria

Um catolico, um protestante e um judeu foram convidados para assistir ao casamento dum amigo.

— Não poderei ir ao casamento do nosso amigo — informa o catolico — mas vou mandar-lhe um aparelho de café para 12 pessoas.

— Eu tambem não vou, mas ofereço um aparelho de chá para vinte e quatro pessoas — disse o protestante.

O judeu concluiu:
— Eu vou viajar, mas enviarei uma colher de assucar para duzentas e cincoenta pessoas...

* * *

Um judeu, ofegante, tenta penetrar no escritorio do banqueiro Morgan. O porteiro opõe-se.

— Deixe-me entrar. Trata-se de um negocio em que o seu patrão vai ganhar um milhão.

Avisado, o banqueiro manda-o entrar.

— O que quer?
— Sei que vai casar sua filha...
— E' verdade...
— E vai dar-lhe dois milhões de dote?
— Sim...
— Pais bem, caso-me com ela por um milhão...

* * *

Um judeu, ao entrar no céu, é recebido por S. Pedro, que lhe pergunta:

— Diz-me o que desejas? Darei o dôbro ao teu inimigo...
— Fura-me um olho, S. Pedro!...

* * *

Levy não dorme. São três horas da manhã e não ha maneira de conciliar o sono. A mulher, aflita, interroga-o:

— Mas o que tens, Levy?
— Estou sem vintem...
— E é por isso que não dormes.
— E'. Tenho amanhã que pagar uma letra de dois contos ao visinho Jacob.

— Querias dormir?
— Quem dera!
— Então espera.

A mulher levanta-se e vai bater á porta de Jacob, que diz sobressaltado:

— O que ha? Levy está doente?
— Não!
— Zangaram-se?
— A historia é outra. Levy está sem vintem. Não pode pagar-lhe amanhã as letras.

E, voltando ao quarto, acalma o marido:

— Dorme socegado, Levy! O Jacob já sabe tudo. Agora será ele que não poderá dormir...

* * *

Isaias entra aflito em casa do irmão. O rosto descomposto, a voz tremula, o passo incerto.

— Queres saber?
— O quê?
— Não posso viver com minha mulher!
— Porque motivo? Ela é tão gentil...

— Não digo o contrario... Mas passa a vida a pedir-me dinheiro. E' todos os dias.

— E para que é?
— Não sei, porque nunca lh'o dei...



— Marchana, a tua criada é uma porcalhona. Lava a boca com a minha escova de dentes.

— Então! Querias que ela os lavasse com a escova das botas?

FUME SUNRIPE

Charadas em fraze

Os rapazes ingleses, o numero em francês sem a consoante e metade da bacia fazem o tratamento. — 1-1-1.
Decifração: *Boyscencia.*

O som do metal e a multidão fazem o chamado «canhão». — 1-2.
Decifração: *Pingente.*

A galinha que não tem fato, deu do comer. — 2-1.
Decifração: *Pipinu.*

Alem a consoante está na loja de brinquedos a atrever-se com as pequenas. — 1-1-2.
Decifração: *Alimbazar.*

O mês de outrora fez o escritor. — 2-2.
Decifração: *Julho Dantes.*

A vogal e o fruto dá o povo. — 1-2.
Decifração: *Alimdo.*

O nome do homem e a terra portuguesa andam na «Casaca Encarnada». — 4-2.
Decifração: *Vitriano Braga.*

Na astronomia que não é boa fala do rato o toureiro. — 2-1-2.
Decifração: *Tauromaxia.*

E' esmolar e o assento no ouro francês da nota escreve á maquina. — 1-1-1-1.
Decifração: *Dattilorfa.*

A palavra inglesa no quem francês está por cima de nós a fazer plantas. — 1-1-2.
Decifração: *Alquitecto.*

Tem pestanas brancas de pequenino e come muito o escritor. — 3-2.
Decifração: *Albino Frugas.*

Os vestidos e os casacos em França estão com o actor. — 2-2.
Decifração: *Robes Manteaux.*

Traz o embrulho e metade do tojo para vêr as horas. — 2-1.
Decifração: *Holojo.*

A's vezes andam de tuvas no cone sem qualquer coisa de preposição que dera uma queda na administração. — 1-2-1-1-3.
Decifração: *Mdosone de Secdira.*

Não deixas de ser um certo modelo de automovel sem inteligencia nenhuma. — 1-3.
Decifração: *Estrupedo.*

D. ADOZINDA

A NOVA RICA

Os novos-ricos, como todos sabem, são mamíferos que, embora racionais, a maior parte das vezes desmentem essa importante qualidade! São de recente adaptação em Portugal, talvez de 1918 para cá, data em que acabou a guerra, como devem estar lembrados.

Tanto o macho como a fêmea são geralmente gordos, usando mais de cinco anéis em cada mão!... O primeiro traz quasi sempre uma corrente de ouro, de tamanho e grossura daquelas que os paquetes trazem para lançar ferro, usando-a em grinalda sobre a barriga, tendo, entre outros penduresos, um carneirinho também de ouro, macisso!...

A fêmea usa malinha de malha de prata, um retrato do marido num grande broche ao peito, e geralmente uma capa de pele ou uma romeirinha branca á roda do pescoço!

E', também, possuidora de mau génio, despreza as pessoas com quem vive e no andar toma sempre o andar marcial de quem comanda um regimento!...

Tem pretensões a bem falantes e dizem asseiras em gramatica de pôr os cabelos em pé ao Dr. Miunças e até mesmo ao mais simples mortal, mesmo que os tenha colados com brilhantina.

Feita esta pequena dissertação zoológica, vou revelar alguns fracos de D. Adosinda — um dos mais belos exemplares de nova-rica — que merecem arquivo nas colunas do *Sempre Fixo*.

Comecemos: Começamos: Uma noite, num serão familiar da provincia, uma roda de senhoras cosia e fazia *crochet*, pacatamente, á volta duma mesa de costura.

No meio delas encontrava-se D. Adosinda e sua filha unica, menina com o curso teorico e pratico de namoros, frívola, e que neste momento — nem sei como tal! — tinha o coração com a bandeirinha levantada, qual taxi sem passageiro!...

Mas isto nada tem para o caso! A reunião corria socegradamente, abordando sobretudo o assunto inexgotavel das senhoras: *toilettes* e creadas, quando, n'alturas tantas, veio á baila falar-se em ladrões e assaltos ás residencias.

D. Adosinda, quando ouve isto, diz: — E' uma coisa de que não posso ouvir falar, pois lembro-me logo do susto que tive!...

— O que foi?
— Conte-nos, D. Adosinda, começaram logo as senhoras a pedir.

— Nem quero que me lembre! Imaginem, minhas senhoras, que eu vivi durante algum tempo na minha quinta, em S. João da Pesqueira. Aquela que eu comprei por 30 contos! Mas, como ia dizendo, vivia lá só com minha filha. Os creados ficavam noutra casa distante! Uma noite trovejava e a casa até parecia que vinha abai-

xo com tanta agua! Deitei-me e, mal pago a luz, começo sentindo na porta da rua uns barulhos estranhos!

Nesta altura, as pessoas presentes, em vista do tragico da narração, tinham abandonado os seus trabalhos no regaço e seguiam a historia atentamente.

— ... de repente — continuava ella — levanto-me, acendo a luz, campo minha filha e lá vamos as duas em camisa, pé ante pé, ella de vela na mão e eu de pistola em punho, ambas cheias de medo. Quanto mais para a porta iam, mais os ruidos se accentuavam e eu estava a todo o momento a vêr meter a gazua! Por fim, tive uma resolução. Comecei a dizer: «Quem está aí?» e de fóra ninguem respondia! A mesma pergunta e nada de resposta, até que, de pistola aperrada, abro a porta e nisto, minhas senhoras, *sorge-me* um gato!

Uma gargalhada geral acolheu o final desta historia e ainda hoje, em S. João da Pesqueira, D. Adosinda é conhecida pela «Madame *Sorge-me*».

* * *

Ontra ainda: D. Adosinda, como todas as novas-ricas, gosta de falar na sua riqueza e abundancia.

Assim, vai a Paris todos os anos e vem sempre carregada de fatos, casacos, malas — segundo ella conta ás amigas!

O pior é que os fatos são dum gosto axotico e as malinhas de mão dão na vista pela fealdade, etc., etc.

Para ella, tudo o que traz de Paris é chic, embora muitas vezes seja comprado em lojas que correspondem cá aos estabelecimentos congéneres da rua dos Fanqueiros e Praça da Figueira!

Noutro dia, recebia ella, na sua sala D. João V (á paisana...) umas senhoras das suas relações e falava-lhes da sua recente viagem á França.

— Gastei mais de 10 contos — diz ella — na minha estada lá, fóra as despesas de viagem, hotel, etc. Mas eu, quando saio de Portugal, não me importo de gastar! Ao menos ha em quê!...

Nesta altura, a creada da cosinha, num admiravel gesto de confraternização entre creados e patrões, entra na sala e diz:

— Minha senhora! E' preciso ir buscar meio litro de leite p'r'o puré, que o que lá estava azedou!

— Quê? Tu deixaste azedar o leite?! O *mei* litro da leite!...

E, virando-se para as mesmas senhoras a quem minutos antes falava em 10 contos que gastou lá fóra, diz, sucumbida, com um gesto tragico de final d'acto:

— Lá se me foram 10 tostões!!!...

Mario Augusto

O almoço impedido

O capitão Traga-Balas tinha um impedido que era o prototipo do trouza.

Uma vez, o capitão estava de serviço ao quartel e, como a instrução dos recrutas demorasse até mais tarde, resolveu almoçar no quartel e mandar vir a comida dum *restaurant*, mas como o telefone ficasse longe do sitio onde ele se encontrava, chamou o impedido e perguntou-lhe: — O' 35. Tu sabes falar ao telefone?

— E sei, sim senhor.

— Sabes bem?

— Sim senhor, meu capitão.

— Bem. Vais ao telefone e pedes o 8325 Norte e espera. Logo que te falem da casa de pasto, dizes: «— Faz favor de mandar já o almoço para o meu capitão e acrescentas que é aqui para o quartel. Percebeste?»

— E *puscebi*, meu capitão.

Passadas duas horas, como o almoço não tivesse chegado, o capitão chamou o impedido e perguntou-lhe:

— Então o almoço? Não falaste ao telefone?

— E *falté*, sim senhor.

— Então como foi que fizeste?

— E *cheguei* ao *latifone* e disse assim: Faz favor de me dar o 8325 Norte. O' *despois* fiquei á espera. Quando o *badalinho* tocou outra vez, e disse: *Tá lá! O' despois*, uma mentina disse assim: Impedido. E *puscebi* que ella me tinha visto e *disse-te* logo: — O' menina. Faz favor de mandar o almoço p'r'o meu capitão.

M. A. Case Velho.

Cantigas mefistofelicas

Castá virgem — quem diria? —

Ha quem a jurar se afoite

Que tu não contas de dia

Tudo o que sonhas de noite...

A' tua janela exposto,

Vi hoje um cravo real...

— Era um sinal de bom-gosto

Ou, simplesmente... um sinal?

Passas sempre num recelo,

Curva'a, de olhos tombados...

Dizem que é Pudôr... E eu creio

Que é do peso dos Pecados...

Choras com tal desconforto,

Viuva, que fazes dó...

— Tudo isso é pena do morto,

Ou pena de ficares só?...

A Moral, o Preconceito,

— Disse-me uma mulher nua —

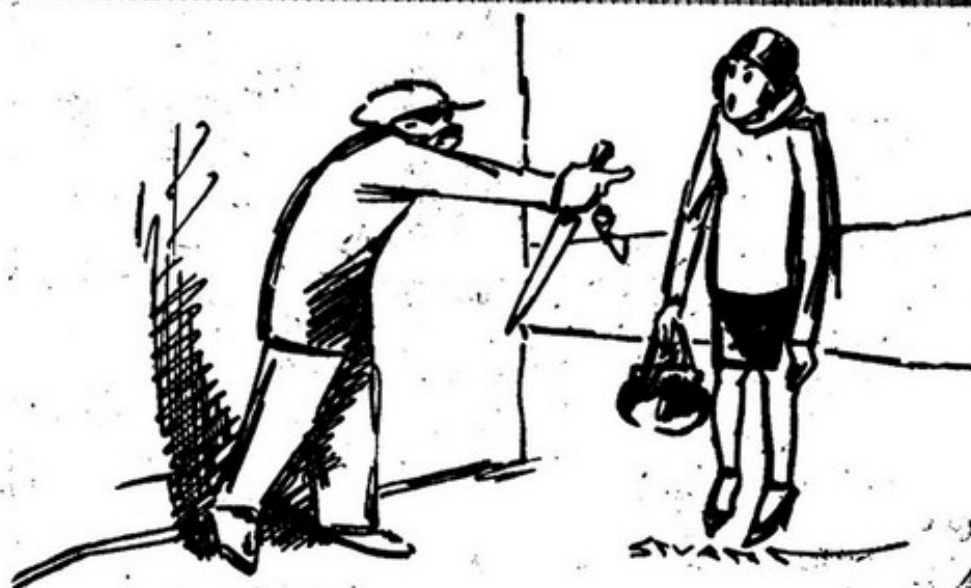
São vestimentas de efeito

Que só se levam á rua...

Armando de Miranda



— Que te respondeu o papá quando lhe disseste que só tínhamos 400 peceias para o nosso casamento?
— Pediu-me cincoenta emprestadas.



— Ou dinheiro ou a vida.
— Oh! seu patife, você não tem vergonha de pedir dinheiro a uma mulher?



— Oh! madama, não pode voscencia levar-me também assim para casa?

FUME SUNRIPE



O que se diz e o que se não deve dizer

OS JOGOS DE DOMINGO PASSADO

Domingo foi dia grande para os furiosos da bola. Jogavam, nas Amoreiras, os quatro grandes. A assistência foi pois das maiores, embora os desafios tenham sido pouco mais do que pequeninos...

O encontro Belenenses-Sporting foi assim como que um duelo Pepe-Cipriano. E isto dito, não surpreende que os azues tenham ganho por 3-1.

O match durou 45 minutos. O resto: foi para entreter.

Na segunda parte, ao Sporting faltava Mendes. Dos Belenenses saíra Rodolfo, atingido — diz o Diário de Notícias — por uma agressão involuntiva...

O melhor do segundo tempo foram duas defesas muitíssimo visíveis de Cipriano, que se portou como um leão.

No desafio Benfica-Carcavelinhos houve duas novidades.

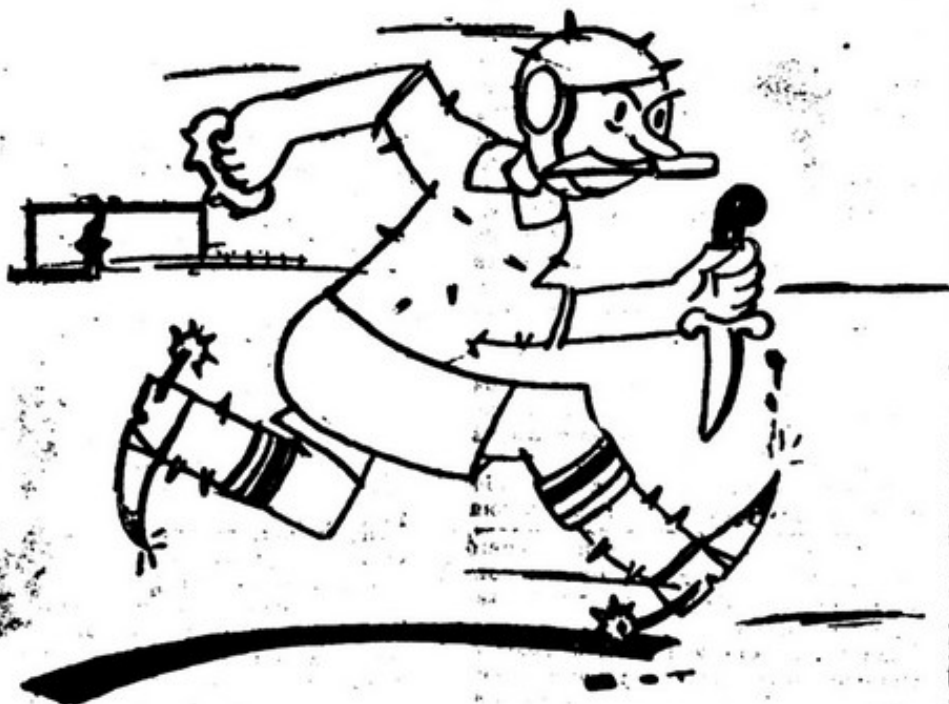
A primeira foi a de não ter havido a castanha habitual nos encontros entre bombons e bichinhos de seda. O facto é tanto mais para estranhar quanto se tratava do dia de S. Martinho. É uma falta que não pode passar sem os nossos mais valentes protestos. Assim se vão perdendo as mais sagradas tradições da nossa brilhante historia footballistica.

A outra novidade foi a aparição, no Benfica, do jogador Aníbal José — mais conhecido pelo irradiado.

Assim como não houve castanha, também não houve goals. Uma ausência é consequencia da outra.

E assim como o primeiro match — 3 a 1 — foi um duelo entre Pepe e Cipriano, este segundo jogo — zero

Ou morte ou "goal"...



No domingo passado alguns jogadores tencionavam ir assim para o campo. Felizmente que a Associação o soube a tempo de o evitar.

a zero — quasi se resumiu a uma exhibição de Antonio Pinho e Carlos Alves.

O Benfica, empatando, perdeu! O Carcavelinhos fez o que pode — e pouco... A sua linha de ataque já não sabe executar aquele joguinho do rapa-tira-põe e delca. Sem Canuto, aquilo é um canudo...

Para compensar da pacificação Benfica-Carcavelinhos, houve em Pahlavá um partido em cheio entre o Casa Pia e o União.

O arbitro comeu e bebeu pela medida grande. Teve um autentico São Martinho...

Abriu a exposição dos Buick para 1929.

Os novos modelos chamam-se Master. Que é como quem diz que quem os compra não fica sendo seu proprietario. O carro é que é o Patrão...

Um ratão que tem mandado no Carcavelinhos não achou graça ao que dissemos sobre a indignação que lavrava em Alcantara por não ser anulado o jogo Carcavelinhos-Sporting.

Entendeu o pateta que as nossas blagues eram incitamentos a atitudes violentas dos rapazes do seu club. Por um pouco não confessou que vale mais um suetto do que a autoridade dum directivo imbecil.

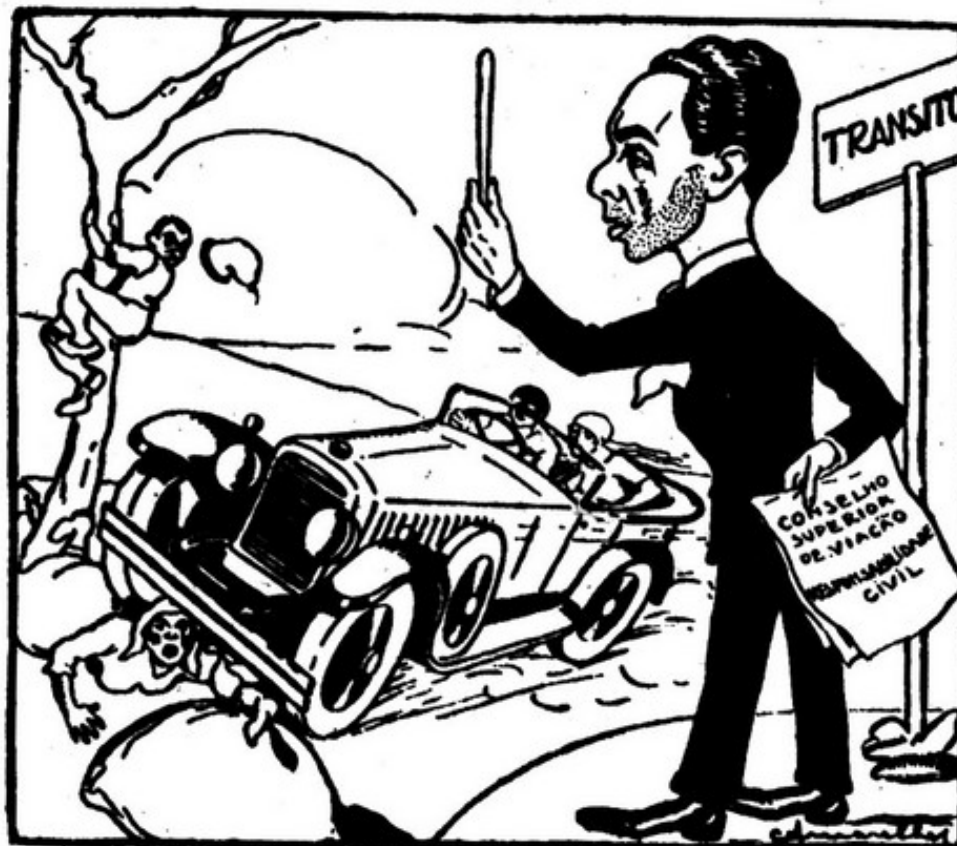
De resto, não podemos competir em graça com o protagonista dessa farça do nosso foot-ball, intitulada: Pseudo quér ser dirigente...

Rebola-A-Boia.



— Sou solteiro, e quando morrer ninguém usará o meu nome.
— Como se chama?
— Zé Nunes.

Dr. Augusto Vaz



Pode atropelar... mas já sabe que pela lei de Responsabilidade Civil tica, financeiramente, atropelado para toda a vida..

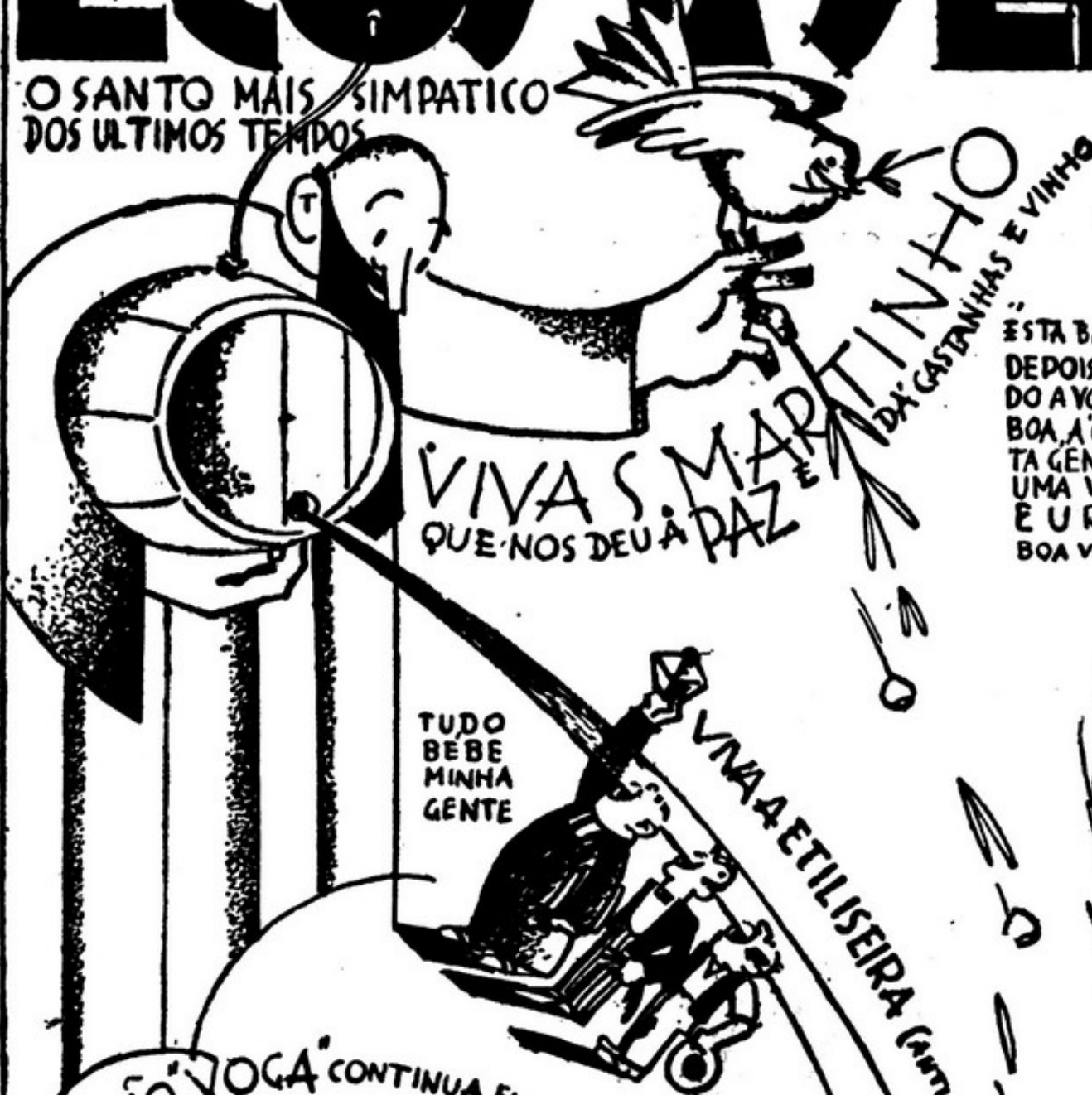


O professor — Sim, meus filhos, a pronuncia inglesa é muito difficil. Os Ingleses, por exemplo, escrevem velocipede e pronunciam bicicleta.

FUME SUNRIPE

ECONOMIA SEMANA

O SANTO MAIS SIMPATICO DOS ULTIMOS TEMPOS



LÉA NIAGO
QUE ANDA AO LÉO

ESTA BAILARINA DEPOIS DE TER DADO A VOLTA, EM LISBOA, A CABECA DE MUITA GENTE VAI DAR UMA VOLTA A EUROPA BOA VIAGEM

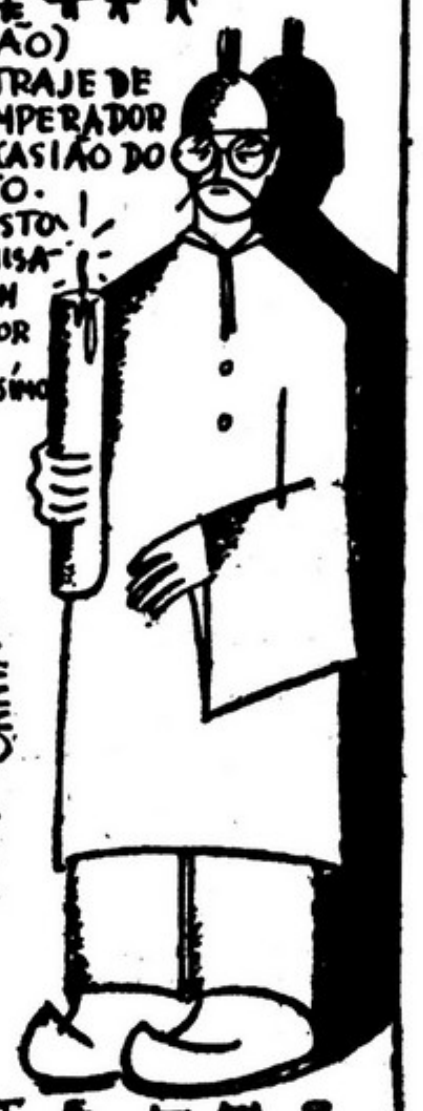


O SALÃO 'VOGA' CONTINUA EM VOGA



A COROACÃO DO MIKADO

✠ 卍 卍 卍 卍 ✠
(TRADUGÃO)
FOI ESTE O TRAJE DE GALA QUE O IMPERADOR VESTIU NA OCASIAO DO COROAMENTO. (CA PARA NÓS ISTO COM UMA CAMISA DE NOITE E UM BARRETE DE POR MIRA SAIA BARATISSIMO)



CONCERTOS PIANOFONICOS NO TIVOLI. VARELECID E CAMPVS CELHVS



ESTADO EM QUE FICOU UM DOS PIANO FORTES SUBMETIDO AO SACRIFÍCIO MUSICAL. E DEPOIS CHAMAM A ISTO UM CONCERTO DE PIANO.

S. MARTINHO DE TILISADO